

A CITAÇÃO INDIRETA NA CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO DE ARTIGOS ACADÊMICOS

Lilian Salete Alonso Moreira Lima¹

RESUMO: Partindo da questão *por que parafrasear a voz do pesquisador-autoridade em vez de citá-lo diretamente*, e supondo que o autor precisa usar a voz do pesquisador-autoridade para construir seu referencial teórico e sustentar sua análise mostrando que entendeu o assunto a ponto de não ficar somente nas palavras do outro, fizemos uma pesquisa de base linguístico-enunciativa (Maingueneau; Authier-Revuz), em que buscamos compreender a presença da voz do outro em artigos acadêmicos publicados em revistas A1, B1 e B5. Nosso objetivo é verificar se os autores dos artigos ficam presos à autoridade do autor citado ou se eles também incluem sua voz na construção do referencial teórico dos textos. Concluímos que há diferença de autonomia do uso das citações, sendo que o artigo A1 apresenta autoria independente da autoridade citada enquanto os artigos B1 e B5 apresentam maior dependência da autoridade citada.

Palavras-chave: citação indireta; texto acadêmico; autoridade.

ABSTRACT: Out of the question *why paraphrasing the voice of the researcher-authority instead of quoting them directly*, and supposing that the author needs to use the voice of the researcher-authority to build their theoretical referential and support their analysis, showing that they have understood the subject well enough not just to use the other's words, we have made a research substantiated on the linguistic-enunciative base (Maingueneau; Authier-Revuz), in which we seek to understand the presence of the other's voice in academic articles published in magazines A1, B1 e B5. Our objective is to verify if the authors of the articles get stuck to the authority of the quoted author, or if they also include their own voice in the construction of the texts' theoretical references. We have concluded that there is a difference in the autonomy of quotations' use, to which the A1 article bears independent authorship of the quoted authority, while B1 and B5 articles bear greater dependence on the quoted authority.

Key Words: Indirect quotation. Academic text. Authority.

1 INTRODUÇÃO

A questão *por que parafrasear a voz do pesquisador-autoridade em vez de citá-lo diretamente* vinha, há algum tempo, suscitando reflexões. Supúnhamos que, ao autor, era preciso usar a voz do pesquisador-autoridade para construir seu referencial teórico e sustentar sua análise mostrando que entendeu o assunto a ponto de não ficar somente nas palavras do outro.

Para comprovarmos essa hipótese, fizemos uma pesquisa com base linguístico-enunciativa, fundamentada especialmente na noção de heterogeneidade de Authier-Revuz e Maingueneau, em que buscamos compreender a presença da voz do outro em artigos acadêmicos publicados em revistas A1, B1 e B5. Nosso objetivo é verificar se os autores dos

¹ Docente na UNESPAR - Campus União da Vitória. Doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL). Mestre em Estudos da Linguagem (UEL). liliansalete@hotmail.com

artigos ficam presos à autoridade do autor citado ou se eles também incluem sua voz na construção do referencial teórico dos textos.

Inicialmente, abordamos a citação na construção do referencial teórico, com base no que apontam manuais de metodologia e normas ABNT. Em seguida, refletimos sobre a citação indireta em textos acadêmicos e suas relações com a heterogeneidade mostrada, para, enfim, fazermos a análise dos termos introdutórios das citações presentes nos artigos acadêmicos. Concluímos que há diferença de autonomia do uso das citações, sendo que o artigo A1 contém autoria independente da autoridade citada enquanto os artigos B1 e B5 contém maior dependência da autoridade citada.

2 A CITAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO

No Desenvolvimento de qualquer texto acadêmico, o pesquisador expõe a pesquisa bibliográfica realizada. A partir do assunto de sua pesquisa, o autor faz uma tomada ampla do tema, sem perder contato, no entanto, com o problema que ele delimitou para sua investigação. As fontes são principalmente os livros e artigos, mas também podem ser consultados relatórios de pesquisa não publicados (monografias), teses, enciclopédias, jornais, dicionários especializados, resenhas de obras, anais de congressos, vídeos, palestras, filmes etc.

Com o avanço tecnológico, a pesquisa para a construção do referencial teórico não se limita à consulta a materiais físicos; hoje é possível fazer pesquisa virtual, *online*, consultando obras e documentos diversos via *internet*. Portanto, há bastante material disponível para quem queira fazer uma pesquisa científica, mas é importante saber organizar e utilizar apropriadamente essas informações.

A construção do referencial teórico é o momento em que:

[...] o pesquisador apresenta a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. Para isso deve-se elaborar um texto que demonstre o conhecimento teórico sobre o objeto de estudo, fazendo referência a trabalhos publicados anteriormente, elencando as contribuições mais importantes. (SUZUKI; STEINLE; BATTINI, 2009, p. 111)

Podem ser atribuídos diferentes nomes ao referencial teórico, como: quadro teórico; pressupostos teóricos; fundamentação teórica; revisão de literatura. Mas, independentemente do nome, trata-se da argumentação teórica a respeito do tema escolhido, cuja função é construir condições básicas de intervenção. Esse é o momento em que se buscam, nos

trabalhos disponíveis, informações e dados que poderão servir para a pesquisa, alimentando a construção de novos conhecimentos.

Na redação do referencial teórico, o pesquisador deve se lembrar de que ele tem o objetivo de “[...] fundamentar teoricamente o objeto de investigação [...] com bases sólidas e não arbitrariamente.” (MÜLLER e CORNELSEN, 1999, p. 54). Mas não se pode cometer o deslize de imaginar que bastam as vozes alheias para construir o referencial teórico: é preciso “costurar” as ideias, estabelecer semelhanças, diferenciações, comparações, indagações, enfim, o pesquisador precisa estar presente já no referencial teórico. Muitos acreditam que o autor só deve tomar posição quando estiver fazendo a análise dos dados, contudo o referencial teórico deve ser permeado pelas ideias do pesquisador, evitando que essa parte adquira algum dos seguintes estilos²:

Patchwork é colagem de conceitos, pesquisas e afirmações de autores, sem um fio condutor capaz de orientar o leitor sobre o assunto;
Coquetel teórico é apela para todos os autores disponíveis;
Off the records - o autor garante o anonimato às suas fontes;
Ventriloquo é o autor só fala pela boca dos outros, quer citando-os literalmente, quer parafraseando suas ideias;
Apêndice inútil é após apresentar sua revisão da literatura, nenhuma das conceituações ou relações teóricas são utilizadas na interpretação dos dados.

Um referencial teórico bem construído deixa clara a lógica de construção do objeto de pesquisa, bem como orienta a definição de categorias e dá suporte às relações antecipadas nas hipóteses, além de constituir-se no principal instrumento para a interpretação dos dados.

Com base no que apresentam Suzuki, Steinle e Battini (2009), podemos elencar os passos para se construir o referencial teórico:

- 1) Reunir e selecionar textos, livros e documentos que tratam da temática abordada.
- 2) Elencar as obras, os autores e um pequeno resumo do que trata cada uma delas, que poderá ser reconhecido pela leitura do sumário e da introdução.
- 3) Definir alguns conceitos importantes, para que haja entendimento sobre o que exatamente se quer trabalhar e qual o entendimento que se tem sobre conceitos mais importantes relacionados ao assunto.

Para definir citação, especialmente quando se trata do texto acadêmico, é necessário consultar a normalização. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por meio da norma NBR 10520, de agosto de 2002, “[...] especifica as características exigíveis para apresentação de citações em documentos.” (ABNT, 2002, p. 1) e define:

² Disponível em: www.enap.gov.br/downloads/ec43ea4faula_enap_20-06.ppt. Acesso em: 08 jan. 2011.

3.1 citações: Menção de uma informação extraída de outra fonte.

3.2 citação de citação: Citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original.

3.3 citação direta: Transcrição textual de parte da obra do autor consultado.

3.4 citação indireta: Texto baseado na obra do autor consultado. (ABNT, 2002, pp. 1-2 ó grifo do autor)

Após apresentar essas definições, o documento normaliza a localização das citações (elas podem aparecer no texto ou em notas de rodapé), as regras gerais de apresentação, ou seja, de que modo devem ser feitas as chamadas (fornecimento de informações suficientes para se localizar sua referência ao final do texto bem como permitir a consulta à fonte original da citação: sobrenome do autor, ano da publicação e número da página). É especificada também a forma de apresentação visual das citações no texto (uso de aspas, letras em tamanho e espaçamento diferenciados, indicação de supressões, ênfase ou destaque, inserção de comentários etc.).

Por se tratar de normalização elaborada por um órgão técnico, vê-se que a norma da ABNT focaliza a *forma* de se fazer citação. Já nos manuais, produzidos especificamente para orientar a produção dos textos acadêmicos e geralmente publicados por editoras de universidades, há uma abordagem mais detalhada do que são as citações. Isso porque tais livros têm o objetivo não só de apresentar a normalização dos textos acadêmicos, mas também de orientar sua elaboração e redação.

Müller e Cornelsen (1999, p. 22) definem as citações como õ[...] elementos retirados dos documentos dos autores pesquisados durante a leitura da documentaçãoõ e destacam a utilidade das citações para ratificar as ideias do autor da pesquisa. As autoras chamam atenção também para o fato de que as citações bem escolhidas enriquecem o texto, pois mostram preocupação do autor com a pesquisa e a atenção dada aos autores citados, os quais se mostram õrelevantes para o assuntoõ.

Quanto aos tipos e formas de apresentação, as autoras seguem a NBR 10520, mas com diferença nas nomações: as citações diretas são chamadas *textuais* e as citações indiretas são chamadas *conceptuais*. Por se tratar de um manual, a forma como as autoras condensam e organizam as regras da ABNT merece destaque, visto que se torna mais fácil a compreensão dos tipos e formas de fazer citação: as citações textuais são subdivididas em *citações curtas* (até três linhas) e *citações longas* (mais de três linhas). No caso das citações conceptuais, as autoras destacam que elas podem se apresentar de duas formas ó por paráfrase e por condensação (MÜLLER e CORNELSEN, 1999, pp. 22-25).

Suzuki, Steinle e Battini (2009) abordam a citação quando tratam dos elementos textuais do TCC. As autoras utilizam os mesmos nomes da ABNT ó citações diretas e indiretas ó e seguem a organização de Müller e Cornelsen para subdividir a citação direta em curta ou longa.

A abordagem dos manuais faz parecer que a citação é algo simples de ser feito, bem como parece apagar a importância desse elemento. No entanto, para nós, cabem as palavras de Benites (2002, p. 7): ãA natureza e a abrangência dos aspectos envolvidos no processo de citação fazem de seu estudo um importante passo no desenvolvimento de questões linguístico-pragmáticas relacionadas ao funcionamento do discurso.ö

Aprofundando as definições dos manuais e trazendo-as para uma visão calcada nos estudos do texto e do discurso, a citação pode ser entendida como um processo pelo qual o locutor apropria-se de um conteúdo de um discurso para aplicá-lo em outro, atribuindo-lhe novo significado. Ao colocar um enunciado no interior de outro, ele manifesta-se a respeito desse enunciado, o que implica um comprometimento com o que está sendo dito, mesmo que sejam palavras atribuídas a outro enunciador.

Destarte, no próximo item, passamos a observar a citação como uma forma de heterogeneidade mostrada, a qual se refere à presença detectável de um outro discurso no texto, por meio de formas não marcadas, identificáveis a partir de índices textuais ou pela cultura do interlocutor. Abarcaremos, em nossa reflexão, a dimensão do texto acadêmico.

3 REFLEXÕES ACERCA DA CITAÇÃO INDIRETA EM TEXTOS ACADÊMICOS E SUAS RELAÇÕES COM A HETEROGENEIDADE MOSTRADA

O que temos observado, em muitos textos acadêmicos, especialmente na construção do referencial teórico, é que os autores citados são utilizados mais para sustentar as õpoucasö palavras do pesquisador do que para estabelecer uma discussão. Pela nossa prática em sala de aula, vemos que o trabalho com a leitura e a escrita, ainda na graduação, não prepara o futuro pesquisador para uma escrita heterogênea em que suas próprias palavras dialoguem, em que suas ideias estejam presentes, sejam testadas; enfim, desde a graduação o pesquisador é preparado para ser reproduzidor do discurso científico já consolidado. Essa observação também foi feita por Silva (2009, pp. 3-4) em seu estudo sobre dissertações de mestrado:

Nisto se configuram os mecanismos de sustentação linguística: a universidade é uma instituição que possui mecanismos de sustentação do mercado. Na educação é esta instituição que mobiliza a comunidade de educadores que produzem e consomem a língua com termos específicos para a Educação. A maneira como os termos vão sendo mobilizados, normalmente, é de reprodução e

paráfrases, se constituindo "atividade" e "consumo" e raramente "produção". Sei que em qualquer situação de aprendizagem mobilizamos sentidos e que para o professor interessa inovar sua prática. Entretanto, nem sempre um educador que passa por qualificação em nível de mestrado consegue produzir o novo. Isto pode se dar de forma inconsciente e por questões de escolhas não apropriadas.

Antes que uma leitura apressada torne a citação uma espécie de *ôbruxa malvada*, convém lembrar que ela é essencial para a construção de uma pesquisa, sendo talvez este contexto o exemplo mais evidente do conceito de dialogismo proposto por Bakhtin (1986). Todo e qualquer discurso não é construído sobre si mesmo, mas se desenvolve a partir do outro, ou seja, o discurso do *ôeu* é *perpassado*, *atravessado* e *condicionado* pelo do outro. Ele é decorrente da interação verbal estabelecida entre enunciador e enunciatário no espaço do texto. O dialogismo interacional, para esse autor, só pode ser entendido pelo deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito deixa o papel de centro e é substituído pelas diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. Ao deixar de ser o centro, o sujeito torna-se *inacabado*, sempre reformulado pela sua relação com o outro.

Esse sujeito está inserido numa formação discursiva. No caso do discurso científico, *ô[...]* O sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação. *ô (MAINGUENEAU, 1997, p. 86). Vieira (2009, p. 58) sintetiza o papel da voz do outro no texto acadêmico dizendo que:*

Nenhum texto científico se sustenta sem referências. A pesquisa bibliográfica serve para ajudar o pesquisador a ir adiante em suas reflexões. O embate se estabelece no momento da escrita do texto: como manter um estilo pessoal, uma visão crítica própria, citando textos alheios? Justamente através do diálogo, em que se evita o excesso de citações, e quando estas são utilizadas, faz-se necessária a honestidade intelectual, ou seja, dar crédito às palavras que não são suas, sob o risco de cometer plágio [...].

Apesar de o *corpus* ser outro, convém nos atermos no trabalho de Benites (2002), no qual ela elencou os diferentes tipos de citação, conforme sua função no contexto em que elas são inseridas. Ela adverte que existe, na verdade, a *ôpolivalência funcional da citação*, visto que, *ô[...]* normalmente, uma citação não é empregada em uma única, mas em várias funções, havendo uma interseção entre elas [...]*ô (BENITES, 2002, p. 90). A autora também assevera que o importante não é a classificação em si, mas a identificação da operação argumentativa subjacente à incorporação da voz alheia no discurso próprio.*

Dentre os tipos abordados pela autora, interessa-nos o que se aplica à citação indireta: a *citação de autoridade*, a qual remete à noção de argumento de autoridade, pois, para imprimir maior credibilidade às suas ideias, o locutor baseia-se na respeitabilidade e na

autoridade de alguém conhecido, de papel social notório ou em um especialista no assunto tratado:

Tendo em vista imprimir maior credibilidade a seu argumento, o locutor muitas vezes ancora-o na respeitabilidade e na autoridade de um especialista. A diferença entre a epígrafe e esta modalidade de citação é que, nesta, o trecho relatado vem incorporado ao texto, servindo nitidamente como argumento para o locutor citante, em lugar de precedê-lo e indicar a direção em que deve ser feita a leitura. Mas, em ambos os casos, se nem sempre a fala citada é do conhecimento do leitor, seu autor o é. (BENITES, 2002, p. 96)

Esse tipo de citação pode assumir a forma de discurso direto ou indireto e pode funcionar tanto como meio de reforçar a veracidade da afirmação do locutor quanto meio de ele se esconder nas palavras do outro, de forma que ele seja apenas um retransmissor das ideias de outrem, duplicidade relacionada ao que Maingueneau (1997) elenca como ambiguidade inerente ao processo de relatar o discurso alheio a partir do nível de adesão do locutor ao que está dizendo:

Aí reside toda a ambiguidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a -autoridade que protege a asserção. Pode-se tanto dizer que -o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo quanto o contrário. (MAINGUENEAU, 1997, p. 86)

Por um lado, sendo o locutor citado alguém cujo conhecimento de causa é inquestionável, a veracidade da afirmação do locutor citante e a legitimidade do argumento defendido por ele estão garantidas. Ao invocar uma autoridade, o locutor cria para o leitor um efeito como: *meu argumento é verdadeiro e a comprovação disso são as palavras de X, autoridade no assunto, fato conhecido por todos*. Entretanto, Berrendonner (1981) conclui que, se o locutor opta por relatar a fala de outrem em vez de afirmar e garantir por si mesmo a veracidade da afirmação, podemos entender que ele não pode subscrever a afirmação, pois não está completamente convencido de sua verdade.

Por outro lado, é seguro ao locutor citante ocupar o lugar de retransmissor das palavras do outro, distanciando-se da responsabilização pela fala citada. Nesse caso, o efeito seria: *são as palavras dele, não as minhas*. Assim, ao ocultar-se na fala de um terceiro, o locutor sugere indiretamente o que pensa, sem necessidade de responsabilizar-se por isso.

Nesse sentido, podemos relacionar essa autoridade citada ao ãnão-euö, o ausente de que Benveniste (1995) fala, pois, segundo Maingueneau (1997), se ela estivesse presente, estaria exposta à discussão e anularia, assim, essa sua condição. Na citação, o locutor, responsável pelo enunciado, faz existir, por meio deste, enunciadores cujos pontos de vista e atitudes ele organiza. Sua tomada de posição é manifestada pela assimilação do pensamento

de um ou mais enunciadores; ao dar voz a eles, o locutor assume uma enunciação com a qual pode concordar ou refutar.

Apesar de criticado pelo risco de ser dogmático, o apelo à autoridade é defendido por Reboul (1998), que assevera que qualquer tipo de argumento pode ser usado com sentido dogmático e considera o apelo à autoridade uma técnica muitas vezes indispensável, caso do referencial teórico, por exemplo. O problema é que, na posição de locutor "legítimo", o autor do texto acadêmico precisa ter a compreensão da importância do fazer científico como parte de sua formação profissional e humana. É importante o entendimento da ciência como sistematização do saber e que este saber precisa, de alguma forma, livrar o indivíduo de mistificações, preconceitos e ignorância. Por isso a importância da voz de autoridade.

Enfim, no texto acadêmico como um todo e mesmo no referencial teórico são bem-vindas e necessárias as citações, funcionando como argumento de autoridade, mas é fundamental a presença do pesquisador, de suas ideias, de suas reflexões.

Com relação ao uso do discurso indireto, forma marcada da heterogeneidade e constituição linguística da citação indireta, Authier-Revuz (2004, p. 12) assevera que o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias, ele remete a um outro como fonte do sentido dos propósitos que ele relata. Além de indicar uma não-coincidência do enunciador com o que ele diz, a heterogeneidade pode trazer marcas da conotação autonímica, quando o locutor não só usa, mas também observa e mostra as palavras do outro por meio de aspas, itálico, entonação ou alguma forma de comentário (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Sendo a produção discursiva uma atividade subjetiva, cabe questionar se, no uso efetivo da linguagem, sustentar o discurso próprio no discurso alheio é *necessariamente* um apagamento da própria voz. Benites (2002) defende o ponto de vista segundo o qual a voz do jornal, ao citar, constrói não só seu próprio referente (os fatos comentados e a informação propriamente dita), mas também a opinião pública, em uma operação concomitante de contar e fazer história. Assim, a autora reforça a voz de Reyes (1984) de que suscitar um discurso não significa perder a própria voz. Para nós, ainda que não utilize marcações da conotação autonímica, só o fato de o locutor citante optar por utilizar o discurso indireto, responsabilizando-se por uma interpretação do trecho citado que será explicitada no termo escolhido para introduzi-la, já atribui à citação indireta um *status* diferente do que costumeiramente lhe é atribuído.

Para Maingueneau (1997), o estudo da citação num nível microcontextual procura saber como elas são feitas, como se inscrevem na estrutura linguística e, por isso, é importante

o estudo dos verbos que introduzem o discurso relatado, visto que o verbo escolhido direciona a interpretação que será feita daquela citação. Por isso, no próximo item, teceremos considerações acerca das citações presentes nos artigos acadêmicos selecionados para compor o *corpus* deste estudo, destacando a presença e os efeitos dos termos que introduzem as citações indiretas encontradas.

5 ANÁLISE DOS TERMOS INTRODUTORES DAS CITAÇÕES PRESENTES NOS ARTIGOS ACADÊMICOS

Para esta análise, selecionamos três artigos publicados em periódicos de universidades públicas brasileiras da área de Letras/Linguística. Cada um dos artigos corresponde a um estrato Qualis Capes. Escolhemos, para efeito de comparação, os estratos A1, B1 e B5. Os três artigos têm em comum o fato de abordarem gêneros discursivos segundo a perspectiva bakhtiniana. Portanto, as citações indiretas selecionadas têm como texto-base as publicações de Bakhtin. Inicialmente, convém apresentar os periódicos e os autores dos artigos.

O Artigo A1 foi publicado no número 53, volume 2 (2009) da revista *online Alfa: Revista de Linguística* da Universidade Estadual Paulista (UNESP ó São José do Rio Preto ó SP). No *site* da revista³ são passadas informações gerais a respeito da publicação. Ela é financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP e publica trabalhos inéditos de professores e pesquisadores, incluindo doutorandos de programas de pós-graduação, vinculados a instituições de ensino e pesquisa nacionais ou internacionais.

Nas normas da publicação, as únicas recomendações quanto à estrutura do corpo do texto dizem respeito a critérios de formatação (espaçamento, margens etc.), o que derruba uma de nossas hipóteses sobre a organização do texto: não é especificada pela revista essa necessidade de mesclar teoria e análise. Assim, acreditamos que essa opção seja própria dos pesquisadores, tendo em vista seu nível de formação, valorizado pela própria publicação, a qual salienta que não aceita textos de mestrados, graduados ou graduandos. A autora do artigo selecionado enquadra-se nas exigências: é docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/about/submissions#authorGuidelines>.

O Artigo B1 foi publicado no número 10 (2009) da revista *A Cor das Letras* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS - BA). É uma publicação do departamento de Letras e Artes, por isso aceita submissão de artigos ou resenhas com temáticas referentes ao campo dos estudos linguísticos, literários e das artes, bem como de outras áreas de conhecimentos afins e/ou interdisciplinares.

Nas normas da publicação são elencados somente aspectos de formatação (espaçamento, margens, número de páginas etc.), não havendo nenhuma informação sobre a estruturação do texto. Não há restrição quanto ao nível de formação ou área de atuação. A autora do artigo é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela FCLAR/UNESP e Docente do Curso de Letras, Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás.

O Artigo B5 foi publicado no volume 9 (jan/dez ó 2009) da revista *Entretextos*, do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Essa revista é uma publicação anual coordenada por discentes do Programa. Podem ser submetidos artigos e resenhas, elaborados por docentes, discentes ou colaboradores do exterior, pós-graduandos, professores universitários, pesquisadores e estudiosos. No entanto, só são aceitos trabalhos que se enquadram nas temáticas relacionadas às duas áreas de concentração do Programa: 1- Linguagem e Significação: a) Análise e descrição linguística; b) Estudos do texto/discurso; 2- Linguagem e Educação: a) Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Outras Linguagens; b) Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Essa restrição é reforçada no *site* da publicação por meio de uma solicitação para que o pretendente verifique se seu texto contempla as linhas de pesquisa.

Prefere-se o envio de trabalhos inéditos, respeitando-se as normas da ABNT. Nas normas da publicação são elencados somente aspectos de formatação (espaçamento, margens, número de páginas etc.), não havendo nenhuma informação sobre a estruturação do texto. Com relação aos autores, há a orientação de que os com titulação abaixo de Mestre poderão publicar artigos ou resenhas apenas em coautoria com Doutores. No caso de artigos, são admitidos no máximo três autores por artigo, sendo que cada autor poderá publicar somente um trabalho. Esse artigo tem duas autoras: uma é Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL e professora na rede estadual de ensino; a outra, à época da publicação, cursava o Doutorado e atua como professora do Departamento de Letras na Universidade Estadual de Maringá. Ambas participavam como pesquisadoras do mesmo projeto de pesquisa.

Portanto, observamos que as revistas não estabelecem a formatação do corpo do texto, o que nos leva a considerar as normas ABNT para artigos científicos. A NBR 6022/2003 elenca as partes textuais do artigo como:

6.2.1 Introdução

Parte inicial do artigo, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo.

6.2.2 Desenvolvimento

Parte principal do artigo, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado. Divide-se em seções e subseções, conforme a NBR 6024, que variam em função da abordagem do tema e do método.

6.2.3 Conclusão

Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses. (ABNT, 2003, p. 4)

A NBR 6024 citada acima postula a numeração progressiva e a formatação dos títulos e subtítulos, não estabelece divisões. Assim, a estruturação básica da parte textual segue a organização lógica da maioria dos textos: introdução; desenvolvimento; conclusão. Os pormenores adotados na construção do texto são, pois, estabelecidos pelo conhecimento adquirido ao longo da experiência acadêmica.

Resumindo o que normalmente encontramos nos manuais de metodologia, a introdução tem função de expor os objetivos do trabalho, a questão de pesquisa, a justificativa e a metodologia empregada. O desenvolvimento se divide em fundamentação teórica (subdividida em tópicos a critério do autor, sendo eles suficientes para expor teorias e autores que sustentam a pesquisa) e análise do *corpus* (quando há). A conclusão é o fechamento que responde às questões da pesquisa correspondentes aos objetivos e hipóteses. Se não há conclusões, tecem-se considerações finais.

Limitando-nos ao objeto deste estudo, começaremos pelas citações extraídas do Artigo A1. Nele, aponta-se como objetivo principal a contribuição para reflexões acerca do conceito de gênero, considerando as posições fundadoras de Bakhtin e fundamentando na semiótica de linha francesa. As citações de Bakhtin foram todas retiradas da quarta edição, publicada pela Martins Fontes em 2003, do livro *Estética da criação verbal*.

O diferencial do Artigo A1, em relação aos demais, é o fato de que sua construção engloba referencial teórico e análise nos diferentes subtítulos criados, diferentemente da estrutura convencional que pressupõe clara divisão entre referencial teórico e análise. Na introdução, quando elenca suas bases teóricas, a autora se refere às *proposições fundadoras de Bakhtin* e, mais adiante, retoma ao autor no trecho *“[...] esferas específicas da ação humana, já previstas por Bakhtin (2003) [...]”*. Nessas duas situações, vemos que a autora

estabelece a autoridade do citado, destacando-o como fundador das proposições que embasarão sua análise e alguém que já previu a existência de algo.

Ainda na introdução, a autora cita Bakhtin, mas ancora sua própria autoridade: *Partindo de Bakhtin* (2003, pp. 261-262), que considera serem esses enunciados constituídos de três elementos indissolivelmente integrados: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. *Buscamos redimensioná-los e explicá-los segundo os postulados da semiótica francesa [...].* Assim como o autor citado tem sua autoridade reconhecida, a autora tem o saber para redimensionar e explicar os elementos por ele integrados.

No desenvolvimento, há o uso do conectivo de conformidade *segundo* para introduzir citações diretas, mas ocorre uma citação indireta introduzida por ele: *Segundo Bakhtin* (2003), os gêneros constituem-se de três elementos indissolivelmente relacionados [...]. Ao utilizar esse conectivo, coloca-se numa condição de aceitação, concordância com as ideias do autor citado.

A autora retoma a ação atribuída a si na Introdução: *Para abordar o gênero, redefinimos, então, os elementos indissolúveis de Bakhtin* (2003). Como sua intenção é redefinir tais elementos, ela os apresenta citando o autor: *Outro elemento apontado por Bakhtin* (2003) como fundamental para a constituição dos gêneros é o conteúdo temático [...]. O estilo é outro *aspecto a considerar, segundo Bakhtin* (2003, p. 261), para a construção do enunciado em determinado gênero. *Esse autor considera estilo* como *seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua*. [...] *conforme o autor elucidado em passagens posteriores [...], de uma preocupação com a atitude responsável, compreensiva, do destinatário do texto*[...] [segue citação direta]. Os termos utilizados pela autora (sublinhados) permitem entender que se trata nesses trechos daquilo que é dele, o autor citado, afastando a possibilidade de se pensar que são as ideias dela. Isso precisa ficar claro ao leitor porque a intenção dela é justamente mostrar o que é dele para depois resignificar.

A possibilidade de direcionamento da interpretação fica evidente no trecho: *De certa forma, o autor refere-se a um conjunto de valores, crenças, visões de mundo*. O uso do modalizador *de certa forma* implica em conteúdos pressupostos, resguardando a responsabilidade pelo conteúdo citado.

Novamente a autora cita Bakhtin, mas visando à sua autoridade de pesquisadora que tem o saber para rever seus conceitos: *Há que se reconsiderar, portanto, a noção de estilo em*

Bakhtin (2003) para poder dar conta de inúmeros gêneros do discurso em circulação na sociedade.

Dessa forma, no Artigo A1, a autora cita não para apegar-se à autoridade de Bakhtin, mas, sim, para afirmar sua autoridade e sua capacidade de sugerir redefinições e reconsiderações acerca dos postulados desse autor.

No Artigo B1, encontra-se a estrutura tradicional de desenvolvimento, sendo a fundamentação teórica bem delimitada, fato evidenciado na divisão dos tópicos: o primeiro é intitulado "gêneros do discurso" e construído partindo das ideias de Bakhtin expostas no livro *Estética da criação verbal* (edição publicada em 2000). Esse autor só aparecerá nesse item; não há correlações das ideias dele com as de outros, nem sua retomada na análise feita pela autora. Bakhtin serve-lhe tão somente como fundamentação do que é gênero discursivo.

Inicialmente, a autora aponta a autoridade do autor referindo-se às constantes citações feitas dele: "Releituras da obra de Bakhtin já foram realizadas, em outros momentos da história [...]". Atualmente, um número bastante significativo dos pesquisadores que cita Bakhtin o faz, [...]. No entanto, apesar do número de citações de Bakhtin (2000) em pesquisas que versam sobre a questão dos gêneros, [...]". O uso da locução "apesar de" pode sugerir uma ideia oposta àquela expressa no outro enunciado, contrariando uma provável expectativa; no entanto, a autora não falará sobre o fato de o autor ser constantemente citado, mas da necessidade de se aprofundar a discussão sobre temáticas iniciadas por ele.

Ancorando a abordagem nas ideias do autor, são utilizadas as formas: "Partindo da ideia defendida por Bakhtin", "Em Bakhtin", "Para Bakhtin", "Para o autor russo", "segundo Bakhtin", "conforme Bakhtin". Nesses casos, a autora mantém-se distante, sendo Bakhtin o único responsável pelas ideias. Quando utiliza "Conceituando gêneros do discurso em relação às esferas de atividade humana, Bakhtin reconhece [...]", ele continua sendo o responsável pelas ideias, mas o verbo "reconhecer" permite entrever uma interpretação da autora para a ação do autor.

Nesse artigo, diferentemente do A1, a autora se afasta das ideias do citado, deixando-o o único responsável pelo dito. Mas, no trecho "Atualmente, podemos dizer que é quase unânime a opinião de que é necessário trabalhar com a diversidade de gêneros, já que, como ponderou Bakhtin [...]", há o único momento em que ela dialoga com as ideias dele ao concordar com sua ponderação e utilizar a primeira pessoa do plural "nós" e o conectivo "já que", criando um efeito de inclusão e de concordância mútua.

No Artigo B5 observamos uma citação de Bakhtin não recolhida na fonte: o autor é citado via Brait e Melo. Ele aparece, nas demais citações, como Bakhtin (Estética da criação verbal. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003) ou círculo de Bakhtin; Bakhtin/Volochinov (Marxismo e filosofia da linguagem. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992).

Aqui também o autor fica limitado a um único tópico, intitulado *O Contexto de Produção na Visão Bakhtiniana*. Sua autoridade é afirmada pela colocação das ideias fundadoras do Círculo de Bakhtin e sua voz se sobressai à voz das autoras: De acordo com a visão Bakhtiniana, Para Bakhtin/Volochinov; Conforme Bakhtin. Elas não só concedem maior espaço para as ideias do autor como toda citação indireta é seguida de uma citação direta que reforça o que elas parafrasearam.

Há momentos em que as autoras atribuem ações ao autor, o que nos leva a entender que houve interpretação por parte delas: Diante da heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2003) reconhece; Com essa classificação dos gêneros discursivos por esferas da atividade humana, Bakhtin (2003, p. 66) postula; Bakhtin (2003, p. 283) nos explica. Apesar de atribuírem ações ao autor, continua sendo responsabilidade dele somente o dito e sua autoridade continua evidente, especialmente no uso dos explica, em que elas expressam um aprendizado a partir das ideias dele; é como se o próprio autor estivesse ensinando-as, como um professor.

Esse efeito é percebido também em dois trechos, nos quais as autoras fazem uma síntese do conteúdo apreendido, mas sempre ancoradas no autor: Dessa forma, observamos a importância das noções enunciado/enunciação na concepção de linguagem que rege o pensamento Bakhtiniano [...]; Em vista disso, podemos depreender que qualquer análise envolvendo os gêneros não pode preceder da análise das condições de produção, uma vez que o texto/enunciado concreto, na visão Bakhtiniana.

No Artigo B5 houve menor expressão de suas ideias ou mesmo releitura, interpretação das ideias do autor citado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os estudiosos de linguagem, é praticamente consenso a inexistência de textos objetivos, havendo tão somente recursos discursivos por meio dos quais são construídos tanto o efeito de objetividade como o de subjetividade. Assim, fica a cargo do leitor a depreensão

da subjetividade implícita e da ideologia presentes no texto, reconhecendo nele as escolhas expressivas e a organização do material verbal feitas pelo locutor.

Acionar as palavras do outro, principalmente por meio da citação indireta, em que o autor reescreve as palavras do citado, se revela como um recurso de argumento de autoridade sempre que a utilização da palavra do outro servir de argumento a uma ideia que está sendo defendida. A citação tem caráter argumentativo, visto que auxilia a determinar a orientação a ser dada na leitura ou na produção do texto.

Nos artigos analisados tivemos posturas diferenciadas: um maior engajamento e uso da citação não somente como palavras de uma autoridade, mas palavras que podem ser questionadas, repensadas pelo pesquisador, no Artigo A1; a acomodação e pouca presença da própria voz, no Artigo B1, até a quase total submissão à voz da autoridade citada, no Artigo B5.

Assim, este artigo nos permite concluir que é preciso reforçar a ideia de que a citação não é a mera presença da voz do outro no texto; a própria escolha do autor citado já representa uma postura ideológica. Ao selecionar uma citação, recortá-la de seu contexto original, o pesquisador a transforma, dá nova significação ao inseri-la num outro contexto, assim como as supressões que poderão ser feitas em seu interior, o modo como é tomada no comentário podem revelar a confirmação ou a negação do outro texto. Assim, ao construir o referencial teórico, o pesquisador se utiliza de citações para corroborar suas ideias, defender seu ponto de vista, o que faz com que essa forma de intertextualidade não seja uma simples adição de textos, mas um trabalho de absorção e transformação de outros textos, com vistas a determinados objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 6022*: Informação e documentação - Artigo em publicação periódica científica impressa ó Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 10520*: informação e documentação - citações. Rio de Janeiro, 2002.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

- BENITES, S. A. L. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2002.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4.ed. São Paulo: Pontes, 1995.
- BERRENDONNER, A. *Elements de pragmatique linguistique*. Paris: Minit, 1981.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. 3ª ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1997.
- MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M. *Normas e padrões para teses, dissertações e monografias*. 2. ed. Londrina: Eduel, 1999.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REYES, Graciela. *Polifonia textual: La citación en el relato literario*. Madrid: Gredos, 1984.
- SILVA, M. F. P. S. e. Dissertações de Mestrado: apropriação e constituição de sentidos para a prática pedagógica com vistas à produção de novos conhecimentos. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. Anais do 17º COLE, Campinas, SP,; ALB, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 8 dez. 2009. ISSN: 2175-0939
- SUZUKI, J. T. F.; STEINLE, M. C. B.; BATTINI, O. Elementos textuais. In: SUZUKI, J. T. F. (org.). *TCC: elaboração & redação*. Londrina: Redacional Livraria, 2009. pp. 102-121.
- VIEIRA, M. H. B. Redação científica. In: SUZUKI, J. T. F. (org.). *TCC: elaboração & redação*. Londrina: Redacional Livraria, 2009. pp. 53-64.

Recebido em 01/04/2014.

Aceito em 22/04/2014.